

COLEÇÃO AGENDA BRASILEIRA

AS FIGURAS DO SAGRADO

ENTRE O PÚBLICO
E O PRIVADO
NA RELIGIOSIDADE
BRASILEIRA

Maria Lucia Montes

claroenigma

UMA EDITORA DO GRUPO COMPANHIA DAS LETRAS

Copyright © 2012 by Maria Lucia Montes

*Grafia atualizada segundo o Acordo
Ortográfico da Língua Portuguesa de 1990,
que entrou em vigor no Brasil em 2009.*

CAPA E PROJETO GRÁFICO
warrakloureiro

FOTO DE CAPA
Agência Estado

PREPARAÇÃO
Alexandre Boide

ÍNDICE REMISSIVO
Luciano Marchiori

REVISÃO
Entrelinhas Editorial

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)
(Câmara Brasileira do Livro, SP, Brasil)

Montes, Maria Lucia

As figuras do sagrado : entre o público e o privado na
religiosidade brasileira / Maria Lucia Montes. – 1ª.ed. – São
Paulo : Claro Enigma, 2012.

ISBN 978-85-8166-021-9

1. Brasil – Civilização 2. Brasil – História – República, 1889-
3. Brasil – Usos e costumes I. Título

12-11750

CDD-981

Índice para catálogo sistemático:

1. Brasil: Vida privada : Civilização : História 981

[2012]

Todos os direitos desta edição reservados à

EDITORA CLARO ENIGMA

Rua São Lázaro, 233

01103-020 – São Paulo – SP

Telefone: (11) 3707-3531

www.companhiadasletras.com.br

www.blogdacompanhia.com.br

SUMÁRIO

A “guerra santa” e as ambivalências
da modernidade 7

Um campo em transformação 16

O etos católico e as religiões no Brasil 48

Sob o signo da violência 75

As metamorfoses do sagrado, entre
o público e o privado 93

NOTAS 123

BIBLIOGRAFIA 130

SOBRE A AUTORA 137

ÍNDICE REMISSIVO 139

CRÉDITOS DAS IMAGENS 149

AS FIGURAS DO SAGRADO*

ENTRE O PÚBLICO
E O PRIVADO
NA RELIGIOSIDADE
BRASILEIRA

* Publicado originalmente em *História da vida privada no Brasil* (volume 4), Companhia das Letras, 1998.

Doze de outubro de 1995. Em Aparecida do Norte, a tradicional chegada dos romeiros, que por vários dias já afluíam à cidade, agora lotava de gente os espaços monumentais entre a velha e a nova basílica. Sob a imensa passarela, e atingindo a enorme praça circular que se estende em torno da basílica nova, réplica da de São Pedro de Roma, negros vindos de todo o Vale do Paraíba e mesmo de mais longe, como do interior das Gerais, faziam ecoar a batida dos tambores no toque de congos e moçambiques, repetindo assim a prática centenária de louvor à Virgem, que divide com Nossa Senhora do Rosário e São Benedito sua devoção. No interior da igreja, os mesmos antigos cânticos, dos tempos de infância, e outros, mais recentes, surgidos das angústias terrenas, novas e velhas, e a sempiterna mesma piedade do povo. Missas ininterruptas, e as intermináveis filas da comunhão e dos fiéis pacientemente à espera de poder chegar aos pés da imagem milagrosa surgida das águas do Paraíba nos idos do século XVIII.¹ Fora do templo, a azáfama conhecida nas dependências de acolhimento aos romeiros, na sala dos milagres e, sobretudo, a movimentação frenética do comércio, local e ambulante, que nesse dia faz sua própria festa, atendendo às multidões que demandam a pequena cidade. Tudo comporia, pois, a imagem tradicional dessa capital da fé católica no dia em que atingiam seu ponto culminante os festejos da Senhora da Conceição Aparecida, que se repetem a cada ano desde sua entronização solene como Padroeira do Brasil, em 1931. Entretanto, nesse ano, um fato inédito, como uma bomba, viria a estilhaçar essa piedosa imagem, e os ecos do escândalo por ele suscitado se estenderiam por meses a fio, surpreendendo a opinião pública e obrigando os especialistas a repensar a configuração do campo religioso brasileiro às vésperas do terceiro milênio.

É que nesse 12 de outubro a televisão brasileira transmitiria para todo o país, ao vivo e em cores, a imagem do que

seria considerado um ato de profanação e quase uma ofensa pessoal a cada brasileiro, provocando enorme indignação popular e mobilizando em defesa da Igreja católica não só sua hierarquia como também figuras eminentes de praticamente todas as religiões, além de levantar uma polêmica inédita nos meios de comunicação sobre uma instituição religiosa no Brasil. De fato, nesse dia, a Rede Record de televisão, adquirida quatro anos antes pela Igreja Universal do Reino de Deus, exibiria, durante uma cerimônia religiosa desse florescente grupo neopentecostal, um gesto de um de seus bispos, Sérgio von Helde, que desencadearia violentas reações. Durante a tradicional pregação evangélica, centrada no ataque aberto às crenças das demais religiões, opondo-lhes a ênfase quase exclusiva no poder do Cristo Salvador, o bispo se referia com horror aos descaminhos idólatras da fé católica em sua “adoração a uma imagem de barro”, e que nesse dia preciso atingia seu ápice nas celebrações em Aparecida do Norte. E, para melhor ilustrar seu ponto de vista, negando qualquer valor sagrado à figura da Virgem da Conceição, pôs-se a dar pontapés numa imagem que a representava, afirmando que o poder do sagrado se encontrava em outra parte — naturalmente, nas crenças e ritos de sua própria fé.

O episódio, que ficaria conhecido como “o chute na santa”, seria divulgado pela Rede Globo de televisão, que o retransmitiria várias vezes em horário considerado nobre e inclusive no *Jornal Nacional*. Reportagens sobre os métodos de recrutamento dos pastores e da clientela da Igreja Universal seriam a seguir exibidas pela Globo, além de uma série de vídeos fornecidos por um ex-pastor dissidente da Igreja, Carlos Magno de Miranda, em que se divulgavam cenas da intimidade do bispo Edir Macedo, chefe da Igreja Universal, em situações domésticas e em momentos de lazer, em meio aos quais frases inescrupulosas sobre como “arrancar dinheiro” dos fiéis, ditas em tom jocoso, eram

claramente audíveis como “lições” dadas aos pastores sobre as formas de angariar recursos para a Igreja. O pastor dissidente não se limitaria, porém, a fornecer à emissora, para divulgação, esse material no mínimo constrangedor, mas continuaria a apresentar novas denúncias contra a Igreja Universal em outros veículos de comunicação, inclusive publicações de grupos do próprio meio evangélico, como a *Revista Vinde*, ligada ao pastor Caio Fábio d’Araújo Filho, membro da Igreja Presbiteriana Independente, presidente da Associação Evangélica Brasileira, AEVB, e da Visão Nacional de Evangelização, Vinde. As alegações, centradas sobretudo na compra da TV Record, envolviam desde conluios escusos com o ex-presidente da República Fernando Collor de Mello e o tesoureiro de sua campanha eleitoral, Paulo César Farias, até ligações com o narcotráfico colombiano, que teria financiado parte da dívida do bispo Edir Macedo, contraída por ocasião da compra da emissora. Mais tarde, o envolvimento com políticos malufistas também viria à tona, ao lado de acusações de negociação de favores com o então ministro das Comunicações Sérgio Motta. A isso tudo se seguiria um inquérito da Polícia Federal para apuração das possíveis fraudes, inclusive financeiras, em que se encontraria envolvida a Igreja Universal, desencadeando-se a partir daí operações que contaram com a cobertura da Procuradoria da República, de técnicos da Receita Federal e do Banco Central, além de uma ampla repercussão na mídia.

Tudo isso representava um desdobramento nem tão inesperado das batalhas que se travavam entre a TV Globo e a TV Record já por alguns meses, em meio a uma verdadeira guerra de imagens que agora apenas recrudescia. Um episódio anterior, em meados de 1995, envolvera uma polêmica minissérie da TV Globo retratando um pastor evangélico cujo fervor messiânico ao pregar a salvação espiritual só se equiparava à ganância apaixonada com que se entregava à conquista dos bens deste mundo. Agora, o ataque direto à Igreja Universal, mediante a divulgação de suas práticas profanas e de seus negócios escusos, desencadearia não só a reação católica como também a reação defensiva dos próprios evangélicos, em meio a passeatas que, segundo a estimativa dos organizadores, no Rio de Janeiro e em São Paulo, chegaram a envolver quase 1 milhão de pessoas, embora sem contar com a unanimidade do apoio dos próprios evangélicos. De fato, na opinião do pastor Caio Fábio, por exemplo, que se negou a participar da manifestação no Rio de Janeiro, “as práticas da Igreja Universal geraram um constrangimento profundo no meio evangélico”, tendo declarado à imprensa que a “igreja é uma máquina de arrancar dinheiro dos fiéis” e que ela é “o primeiro produto de um sincretismo surgido entre os evangélicos brasileiros; é uma versão cristã da macumba”.² Já outro líder evangélico, presidente do Supremo Concílio da Igreja Presbiteriana no Brasil, o reverendo Guilhermino Cunha, declararia entender que “estamos vivendo sintomas de intolerância religiosa no Brasil e é hora de dizer basta a qualquer discriminação ou preferência por este ou aquele segmento cristão”. Entretanto, se recusaria a participar da passeata em São Paulo, em razão do outro componente essencial, este inteiramente profano, envolvido no conflito que chegou a ser denominado de “guerra santa”: “É uma manifestação liderada pela Igreja Universal e vejo conflito de interesses entre a Rede Globo e a Record como pano de fundo deste pseudoconflito religioso”.³

Qual a significação desses episódios no panorama religioso brasileiro de meados da década de 1990?

Sem dúvida, eles indicavam transformações profundas, cujos efeitos só então emergiam escancaradamente à superfície. Significavam, em primeiro lugar, a afirmação de um novo poder do protestantismo no Brasil, de dimensões inéditas em um país tradicionalmente considerado católico. Mas significavam também, já que essa nova visibilidade protestante se devia ao crescimento, no interior do protestantismo histórico, e muitas vezes em oposição a ele, das igrejas chamadas “evangélicas”, uma transformação importante no próprio campo protestante. Por fim, visto que no centro da polêmica se encontravam as práticas da Igreja Universal do Reino de Deus, cuja proximidade com a *macumba* era apontada depreciativamente nos próprios meios evangélicos, a exemplo das declarações do pastor Caio Fábio, esses episódios evidenciavam que, na verdade, a transformação em curso no interior do protestantismo significava uma espécie de mutação interna, indissociável das vicissitudes por que passavam, graças à sua influência, as próprias religiões afro-brasileiras. Numa palavra, evidenciava-se, por meio desses episódios, que se achava em curso um *rearranjo global do campo religioso* no Brasil, cujos efeitos, oscilando entre o mundo público e o privado, ainda deveriam ser mais bem explorados para que pudessem ser devidamente avaliados.

Tais eventos, e a polêmica que se seguiu, deixavam claro para o grande público um fenômeno que os especialistas vi-
nham já apontando havia algum tempo e logo passariam a explorar em profundidade,⁴ e cujo sentido geral talvez pudes-
se ser indicado designando-o como as “ambivalências da modernidade” que enfim atingiam o universo religioso em um país onde a religião, na vida pública assim como na vida privada, sempre tivera um papel de reconhecida relevância. Nunca a economia política do simbólico⁵ havia parecido mais adequada à explicação do fenômeno religioso no Brasil. Os

sinais da transformação? A evidente ampliação e diversificação do “mercado dos bens de salvação”. Igrejas enfim gerenciadas abertamente como verdadeiras empresas. Os modernos meios de comunicação de massa postos a serviço da conquista das almas. Instituições religiosas que, do ponto de vista organizacional, doutrinário e litúrgico, pareciam fragilizar-se ao extremo, mais ou menos entregues à improvisação *ad hoc* sobre sistemas de crenças fluidos, deixando ao encargo dos fiéis complementar à sua maneira a ritualização das práticas religiosas e o conjunto de valores espirituais que elas supõem. Uma maior autonomia reconhecida aos indivíduos que, um passo adiante, seriam julgados em condição de escolher livremente sua própria religião, diante de um mercado em expansão. Assim, a religião que, no Brasil, por quatro séculos, na figura da Igreja católica, fora indissociável da vida pública, imbricada com a própria estrutura do poder de Estado por meio da instituição do padroado, pareceria enfim ter se inclinado definitivamente para o campo do privado, agora dependente quase de modo exclusivo de escolhas individuais.

Fluidez do campo religioso, baixo grau de institucionalização das igrejas, proliferação de seitas, fragmentação de crenças e práticas devocionais, seu rearranjo constante ao sabor das inclinações pessoais ou das vicissitudes da vida íntima de cada um: esses seriam os sinais que revelariam a face da modernidade — ou seria já da pós-modernidade? — enfim se deixando entrever no campo religioso brasileiro. Modernidade ambígua, no entanto, porque, de modo contraditório, ela mesma seria responsável por promover — surpreendentemente a partir da expansão do protestantismo, religião histórica da tolerância e do valor da razão como base da crença — o enrijecimento das posições institucionais, a disputa no interior do campo religioso em cada uma das confissões e a intolerância para com as crenças das igrejas ou formas de religiosidade rivais, elevando ao mesmo tempo o irracionalismo aparentemente mais delirante à con-

dição de prova da fé. Da mesma forma, à privatização e intimização das crenças e práticas constatadas no universo religioso corresponderia, contraditoriamente, mostrando uma outra face dessa modernidade, um envolvimento cada vez maior e mais complexo por parte das igrejas com o mundo social, sua busca de controle dos instrumentos de riqueza e prestígio, e a disputa aberta de posições de poder na vida pública, graças à participação direta na política.

Embora esses sinais fossem mais visíveis no interior do protestantismo, em especial nas igrejas conhecidas como neopentecostais,⁶ eles não deixariam de se fazer notar também nas outras religiões,⁷ evidenciando que a ação dos fatores cuja presença denunciavam atingia o campo religioso em seu conjunto. Tomando-se o efeito pela causa, chegou-se mesmo a profetizar que o Brasil e toda a América Latina seriam protestantes no século XXI.⁸ Ao mesmo tempo, diante dessas transformações, e fazendo eco a outros especialistas,⁹ um renomado antropólogo chegaria a se questionar se, no Brasil, o campo religioso seria ainda o campo das religiões.¹⁰ Quais as implicações desses fenômenos, da perspectiva de uma história da vida privada no Brasil? Como as transformações que eles anunciam incidem sobre o indivíduo e as escolhas morais que realiza, sobre sua vida doméstica, as práticas da intimidade, e como se acomoda nelas a experiência interior do sagrado que toda religião pressupõe? Quais suas consequências para a vida social, na redefinição de fronteiras entre o público e o privado? A resposta a essas questões supõe que se compreenda em primeiro lugar, ainda que de modo esquemático, a gênese das transformações que resultaram na atual configuração do campo religioso brasileiro, pois disso depende em parte nossa avaliação sobre o seu significado, de uma perspectiva centrada na história da vida privada.